



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO: GÊNERO, SEXUALIDADE E A MARGINALIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

Eixo Temático 30 - PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Patrícia da Silva Ribeiro ¹
Ludmilla Carneiro Araújo ²

RESUMO

Este trabalho, parte de uma pesquisa de mestrado em Educação, investigou as HQs como artefatos culturais e sua relação com gênero e sexualidade. Com base em revisão bibliográfica (Mirzoeff, 2016; Hernández, 2013; Ramos, 2009) e análise de políticas públicas, analisou-se o percurso das HQs no Brasil e sua inserção na escola. Os resultados indicam que, embora as HQs tenham ganhado espaço nos PCNs e no PNBE, produções com temáticas LGBTQIA+ seguem marginalizadas. Essas narrativas, por meio da cultura visual e das contravisualidades, desafiam normatividades e revelam disputas simbólicas por visibilidade e reconhecimento no espaço educativo.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, Educação, Artefato Cultural, Diversidade.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) possuem uma longa trajetória como expressão artística e narrativa, sendo amplamente difundidas em diferentes contextos culturais. No Brasil, as HQs conquistaram espaço na educação, especialmente após sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Pedagoga pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, patriciasribeiros@outlook.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, ludaraujo55@gmail.com

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

(PNBE). No entanto, enquanto as produções LGBTQIA+ são incorporadas como material pedagógico, as que abordam temáticas LGBTQIA+ ainda enfrentam resistência.

O presente artigo aborda a inserção das HQs no contexto educacional, com ênfase nas produções que abordam diversidade sexual e de gênero. Apresenta o percurso histórico das HQs no Brasil, sua relação com a educação e as barreiras que impedem a aceitação de narrativas LGBTQIA+ no ambiente escolar. Com base na cultura visual e nas contravisualidades (Hernández, 2013; Lutiere, 2016), o estudo destaca como as HQs podem ser utilizadas como instrumento de resistência às normatividades hegemônicas.

De acordo com Borba (2017), Histórias em Quadrinhos são artefatos culturais e pedagógicos detentores de potencialidade na interpelação e constituição de identidades em função das linguagens visuais e verbais de que se valem, podendo ensinar aos sujeitos lições de como ser e como agir na contemporaneidade, especialmente quanto a questões que envolvam gênero e sexualidade. A autora ressalta ainda, a importância do desenvolvimento da visibilidade dada em materiais visuais e de leitura, aos sujeitos que fogem dos padrões heteronormativos.

Diante do crescimento das produções LGBTQIA+ no cenário das HQs, este trabalho discute a importância dessas narrativas para ampliar o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas. A partir de uma revisão bibliográfica e análise documental de políticas educacionais, busca-se compreender como as HQs são percebidas no espaço pedagógico e os desafios para sua legitimação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental. Autores como Mirzoeff (2016), Hernández (2013) e Ramos (2009) são fundamentais para compreender a relação entre cultura visual, identidade e representações nos quadrinhos. Além disso, foram analisadas políticas educacionais, como os PCNs e o PNBE, para entender como as HQs são incorporadas ao ambiente escolar e quais são as barreiras enfrentadas pelas produções LGBTQIA+.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A metodologia se apoia na análise de HQs a partir de um referencial teórico-metodológico,

considerando que as imagens não apenas representam, mas também constroem significados sociais. A análise das HQs LGBTQIA+ é realizada a partir do conceito de contravisualidade (Mirzoeff, 2016), que enfatiza o papel das imagens na contestação de normas sociais e na ampliação de discursos marginalizados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de analisar as Histórias em Quadrinhos (HQ's) como artefato cultural, é essencial definir seu conceito de maneira clara. De acordo com Guimarães (1999, p.6), em uma caracterização abrangente:

História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas. Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringe, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para o registro, nem o grau de tecnologia disponível.

De fato, considerada a Nona Arte, a história em quadrinhos possui uma perspectiva estética que deve ser considerada. Nesse sentido, no entender de Will Eisner (1989, p. 5), ela é “[...] um veículo de expressão criativa [...] uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia.” Assim, o conteúdo expressivo é relevante na leitura dos quadrinhos, acrescentando componentes artísticos à narrativa.

Quadrinhos não são literatura ou uma forma de literatura. Quadrinhos são quadrinhos, uma manifestação artística, autônoma, assim como a literatura, cinema, dança, pintura, teatro e outras formas de expressão. Esse entendimento é corroborado por diferentes autores, como Moacyr Cirne (1997), Will Eisner (1989) e Daniele Barbieri (1998), para quem os quadrinhos já teriam se emancipado e constituído recursos próprios de linguagem. Diálogos entre as linguagens ocorrem, não é de causar estranheza então, que haja diálogo entre literatura e quadrinhos. Entretanto, deve ficar claro antes de qualquer coisa, para quem se propõe a lidar e a trabalhar com quadrinhos que histórias em quadrinhos não são literatura. Como enfatiza, Lielson Zeni (2009, p. 132) “(...) por mais que as histórias em quadrinhos lidem com palavras e seja possível aplicar teorias

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

literárias para a análise de sua estrutura e conteúdo literária. Elas são histórias em quadrinhos.” Nada é literatura, a não ser a própria literatura. E isso, não é depreciação de uma linguagem em favor de outra. É apenas o entendimento, que todos os tipos de arte - ou cada meio - têm suas especificidades e características, não se tendo um juízo de valor (melhor ou pior), mas, sim, o reconhecimento das diferenças entre si. “Quadrinhos e literatura são linguagens diferentes, que abrigam uma gama de gêneros diferentes” (Ramos, 2009)

Fica subentendido, a partir de posicionamentos governamentais, que o “lugar” das histórias em quadrinhos na educação ainda é incerto. A falta de diretrizes claras revela não apenas uma indefinição institucional, mas também a permanência de tensões quanto à legitimidade dessa linguagem no espaço escolar. Para serem valorizadas e reconhecidas como sendo de uso educacional, pedagógico e didático, eles são por muitas vezes, enquadrados como literatura. Ou seja, são revestidos do prestígio da literatura para se justificar sua utilização quando na verdade, por si só, tem a potência de ser uma linguagem autônoma. Este pensamento é compartilhado por diversos autores, como Cirne (1997), Eisner (1989), Acevedo (1990) e Eco (1993).

A inserção das HQs no ambiente escolar pode ser analisada à luz da cultura visual e das contravisualidades, que exploram como as imagens contribuem para a construção de significados culturais. Segundo Hernández (2013), a cultura visual permite que os sujeitos questionem a maneira como determinadas narrativas são legitimadas enquanto outras são marginalizadas.

Mirzoeff (2016) destaca que a visualidade é uma ferramenta de controle social, mas também um espaço de disputa e resistência. No caso das HQs LGBTQIA+, a representação de identidades dissidentes desafia a heteronormatividade e amplia o debate sobre diversidade. Lutiere (2016) complementa essa perspectiva ao discutir como as contravisualidades criam brechas na hegemonia dos discursos normativos, permitindo que novas identidades sejam visibilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

HQs e sua inserção na educação

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Em relação ao ambiente escolar, os resultados que levaram a levar revistas em quadrinhos para a sala de aula resultava em repressão por parte dos professores, que as consideravam leituras superficiais e de lazer, distantes do que se esperava para a formação acadêmica dos alunos. Dois argumentos frequentemente utilizados eram de que os quadrinhos geravam "preguiça mental" nos estudantes e afastavam os alunos da "boa leitura". No entanto, essa visão, sem embasamento científico, predominou na segunda metade do século XX no Brasil (Vergueiro e Ramos, 2009).

O estranhamento entre os quadrinhos e o ambiente escolar no Brasil remonta a 1928, quando as primeiras críticas formais surgiram, com a Associação Brasileira de Educadores (ABE) protestando contra as HQs por considerá-las influências estrangeiras. Na década seguinte, em 1939, vários bispos continuaram a expressar essa xenofobia e chegaram a sugerir a censura aos quadrinhos. Contudo, na década de 1970, as HQs começaram a ser incorporadas em livros didáticos, complementando o conteúdo de maneira mais acessível e leve.

A mudança na aceitação das HQs como ferramenta educacional ocorreu com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 1996, que sinalizou a necessidade de incorporar outras linguagens e manifestações artísticas no ensino fundamental e básico (Vergueiro e Ramos, 2009, p. 10). Em 1997, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as HQs foram formalmente reconhecidas como prática educacional. Os PCNs destacaram a importância das HQs no desenvolvimento de habilidades na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais, tanto no ensino fundamental quanto no médio.

A partir de 2006, os quadrinhos começaram a ser incluídos no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), refletindo a interpretação do governo de que as HQs são reconhecidas como gêneros literários. No entanto, a inclusão de obras literárias adaptadas para quadrinhos no PNBE gerou um debate sobre como classificar as produções. Em 2009, uma mudança nos critérios do PNBE eliminou as adaptações literárias de sua lista, determinando a inclusão obrigatória de histórias em quadrinhos, o que pode ser interpretado de várias maneiras, incluindo a ideia de que os quadrinhos agora são considerados por si mesmos como um gênero literário. As HQs chegaram ao Brasil no final do século XIX e, ao longo do tempo, passaram a ser reconhecidas como uma linguagem cultural relevante. No entanto, seu uso na educação foi por muito tempo marginalizado, sendo vistas como um recurso de entretenimento sem valor pedagógico.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Essa perspectiva começou a mudar com a inclusão das HQs nos PCNs e do PNBE, que reconheceram as HQs como ferramenta educacional.

Os PCNs destacam a importância das HQs na alfabetização visual e no estímulo à leitura. O PNBE, por sua vez, incorporou HQs ao acervo distribuído nas escolas, ampliando seu acesso e legitimação como recurso pedagógico. No entanto, as HQs LGBTQIA+ não receberam o mesmo reconhecimento e continuam sendo alvo de censura e resistência no ambiente escolar.

A marginalização das HQs LGBTQIA+

Apesar do reconhecimento das histórias em quadrinhos (HQs) como expressões legítimas da cultura contemporânea, aquelas que abordam questões LGBTQIA+ seguem enfrentando formas de marginalização — tanto no circuito editorial quanto em sua recepção em espaços institucionais como a escola. Essa resistência não pode ser dissociada das disputas políticas e simbólicas em torno da sexualidade e do gênero. A tentativa de silenciar essas narrativas, ou mesmo de restringir seu acesso, revela a persistência de um projeto normativo que busca regular o que pode ou não ser dito, visível e vivido. Como aponta Foucault (1999), os discursos sobre sexualidade são atravessados por mecanismos de poder-saber que historicamente administram os corpos, os desejos e as identidades a partir de uma lógica de controle, repressão e normatização.

A escola, nesse contexto, atua como um dispositivo central na manutenção dessas normas. Ainda que se apresente como espaço de formação e pluralidade, muitas vezes reforça a heteronormatividade como regra implícita, operando pelo apagamento ou pela negação de vivências dissidentes. Judith Butler (2003), ao discutir a performatividade do gênero, destaca que as normas que regulam a identidade não apenas descrevem o que se é, mas produzem ativamente os sujeitos, determinando os limites do que pode ser inteligível e do que será abjeto. Assim, a exclusão das HQs LGBTQIA+ dos currículos escolares e de projetos pedagógicos não é neutra: ela funciona como uma fronteira simbólica que demarca os corpos e experiências autorizadas a existir.

É nesse cenário que a produção de HQs com temáticas LGBTQIA+ se inscreve como gesto político e estético de resistência. Essas narrativas visuais tensionam os regimes de visibilidade e propõem novos modos de existência que escapam às classificações fixas. Através da cultura visual, instauram-se brechas no olhar normativo.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Como propõe Lutierra (2016), Gênero, Saúde e Sustentabilidade por meio de uma *contravisualidade*, desafiando os modos dominantes de representação e afirmando visuaisidades dissidentes que escapam à lógica disciplinar e homogeneizante. Essas HQs não apenas representam sujeitos LGBTQIA+ — elas disputam os próprios marcos do que pode ser visto e reconhecido como legítimo.

Exemplos como *Arlindo*, de Ilustralu, e *Festa do Coração*, de André Inácio, evidenciam essa potência. Suas narrativas propõem uma escrita de si que se afasta do trauma e da patologização, investindo em subjetividades afirmativas e sensíveis. Como afirma Teresa de Lauretis (1994), a construção das identidades sexuais e de gênero está imbricada em processos culturais e discursivos, o que nos obriga a olhar para essas histórias não como espelhos de uma verdade interior, mas como performances que reconfiguram o campo do possível. As HQs LGBTQIA+ tornam-se, assim, artefatos culturais que performam outras formas de existência e pertencimento, em oposição aos discursos normativos que insistem em manter certos corpos e desejos na sombra.

Contudo, o campo de recepção dessas HQs — especialmente na escola — continua marcado por censuras, omissões e tensões. Professores e gestores muitas vezes evitam o contato com essas narrativas por medo de retaliações de setores conservadores, ou por falta de formação crítica que lhes permita sustentar o debate. Em um contexto de crescente ofensiva antigênero, como observa Miskolci (2012), a sexualidade e o gênero tornaram-se campos de batalha discursiva, e tudo aquilo que desafia a norma é alvo de vigilância e controle. Guacira Lopes Louro (2008), ao discutir as formas como a escola lida com as sexualidades, evidencia o modo como o currículo se constrói como um “campo de silêncios” onde determinadas experiências não encontram lugar para se dizer.

O silenciamento das HQs LGBTQIA+ não deve, portanto, ser compreendido como um detalhe, mas como parte de uma disputa epistemológica mais ampla: a de quem pode narrar o mundo, a partir de quais lugares e com quais efeitos. Ao reconhecer essas HQs como artefatos culturais, inscrevemo-nos em uma tradição de leitura que compreende a arte como campo de produção de subjetividades, como espaço de invenção e resistência. Não se trata apenas de inserir personagens LGBTQIA+ em narrativas, mas de romper com os dispositivos que organizam a inteligibilidade dos corpos e dos afetos.

Essas HQs, ao recusarem o lugar do silêncio e do apagamento, instauram novas possibilidades de existência. Seus traços e cores, seus balões e silêncios, compõem paisagens afetivas que convocam à partilha de experiências dissidentes e à reconfiguração



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



das sensibilidades. Num tempo em que a cultura dominante tenta capturar o imaginário social, esses artefatos culturais não apenas resistem — eles insistem, com força estética e política, em afirmar que outras vidas são possíveis e desejáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs LGBTQIA+ têm o potencial de ampliar as discussões sobre diversidade sexual e de gênero na educação, promovendo uma abordagem mais inclusiva e crítica da realidade social. No entanto, sua marginalização reflete dinâmicas mais amplas de exclusão e resistência à pluralidade de identidades.

Para que essas narrativas sejam plenamente incorporadas ao ambiente escolar, é necessário um esforço coletivo de educadores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas. A formação docente deve incluir discussões sobre a cultura visual e sua relação com as identidades de gênero e sexualidade, capacitando os professores a trabalhar com HQs LGBTQIA+ de maneira crítica e informada.

A educação pode se beneficiar enormemente da inclusão dessas produções, uma vez que oferecem novas perspectivas e promovem um ambiente mais acolhedor para todos os estudantes. As HQs são mais do que um recurso didático; são artefatos culturais que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais diversa e igualitária. Ao trazer para o campo educacional as histórias de personagens LGBTQIA+, abre-se espaço para um diálogo necessário sobre diversidade, respeito e cidadania, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e críticos de seu papel social.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global, 1990.

BARBIERI, Daniele. *Los lenguajes del cómic*. Barcelona: Paidós, 1998.

BORBA, Tatiane Nascimento de. *Educação para a sexualidade: um estudo a partir das Histórias em Quadrinhos do 'Projeto Galera Curtição'*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
 GUIMARÃES, Edgard. Uma Caracterização Ampla para a História em Quadrinhos e seus Limites com Outras Formas de Expressão - artigo apresentado no *Intercom 1999* - Rio de Janeiro - 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. (Org.). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. v. 4, p. 77-96. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206–242.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. *Cultura da intolerância: sexualidade, classe e cor no Brasil*. São Paulo: Editora UFMG, 2012.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2.ed. São Paulo : Contexto, 2009.

VALLE, Lutiere D. “Quem aprendi a ser a partir dos filmes que vi” explorando o potencial narrativo/evocativo/pedagógico do cinema no contexto educativo. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). *Educação da cultura visual: aprender... pesquisar... ensinar...* (v.6) p. 211-237. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

VALLE, _____. potência eduvocativa das imagens filmicas na formação. *Revista da Fundarte*, 43(1), p. 85-100, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. RAMOS, Paulo (Org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: Ramos, Paulo. Vergueiro, Waldomiro.(orgs) *Quadrinhos na educação : da rejeição à prática*. 1. ed. São Paulo : Contexto, 2009.